

**A invasão do centro** A boa acolhida em Cannes de “Cinco vezes favela, agora por nós mesmos”, dirigido por jovens favelados, é um marco parecido com o do “Cinco vezes favela” original, produzido pelo Centro Popular de Cultura, da UNE, e filmado em 1962 pelos iniciantes Leon Hirszman, Cacá Diegues, Joaquim Pedro de Andrade, Marcos Farias e Miguel Borges. Assim como o primeiro “5X” pode ser visto como um precursor do Cinema Novo, depois de “Rio 40 graus”(1955) e “Rio Zona Norte” (1957), ambos de Nelson Pereira dos Santos, o de agora faz parte de uma nova tendência que no cinema corresponde ao que vem acontecendo em outras áreas como a da música, dança e teatro: a favela está procurando ser o seu próprio portavoz.

Não está querendo mais ser vista apenas pelo olhar exterior; quer ser protagonista e autor de sua história. É um movimento de dentro para fora, bem diferente da atitude que movia os intelectuais de esquerda dos anos 60 que, generosos mas paternalistas, subiam o morro atraídos pelo tema e “levando” cultura.

Agora, ainda que a ideia seja sua, Cacá Diegues, que integrou o lendário CPC, recusa autoria na feitura do filme, e não por modéstia.

“Sou apenas um produtor que apostou em um projeto não por caridade, mas por acreditar na sua competência artística, comercial e cultural.” Ele afirma que não interferiu na criação de “uma cena que fosse” e que todo o mérito é dos sete estreantes que realizaram os cinco episódios.

Como se observou antes, já há um “agora por nós mesmos” em muitos setores artísticos da periferia, fora centros de estudo e reflexão como o Observatório de Favelas e a Central Única de Favelas. Impressiona o número de grupos culturais em atividade.

Só na Rocinha há uns dez, além da escola de samba: Teatro Adolescento, Escola de Música Chorando à Toa, Street Dance, TV Tagarela, Pequenos Poetas da Rocinha, entre outros. Mas isso não é exclusividade da Rocinha. O Morro da Serrinha, por exemplo, em Madureira, é um espaço de resistência cultural que mantém viva a tradição do jongo. Não há uma grande favela que não desenvolva uma atividade cultural. Isso sem falar no Nós do Morro, do Vidigal, e AfroReggae, de Vigário Geral, cujo prestígio já atravessou fronteiras.

Cacá classificou a presença do novo “5X favela” em Cannes como uma demonstração da “invasão do centro pela periferia”. No Rio, tem havido outros sinais do fenômeno. Esta semana mesmo a Casa do Saber, uma espécie de universidade livre da Zona Sul, promoveu uma reunião de intelectuais para debater temas que afligem a cidade. Dos três debatedores que compunham a mesa, dois eram favelados: William Oliveira, líder da Rocinha, e Eliana Souza e Silva, formada em letras pela UFRJ, doutora em serviço social pela PUC e militante da Maré, onde vive.

Na plateia, como ouvintes, estavam pessoas que costumam se sentar na mesa para serem ouvidas, como Fernando Gabeira e Aspásia Camargo.